



JANEIRO 8

f e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS

8

JANEIRO · 1994

PARA COMEÇAR 1



SE AINDA NÃO SABE TEM QUE LER 3

- Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário visita o PRÓfessor 3
- O PRÓfessor fez 1 ano 5
- Sistema de distribuição da revista - 1994 6
- As escolas que integram o PRÓfessor 7
- A revista PRÓfessor em 1994 passa a poder ser assinada 32



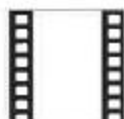
OPINIÃO 9

- Situação do ensino do Português em França 9
- Raciocínios lógicos / Maio 93 11



ÀS QUARTAS... É NO CENTRO 12

- Programa 1994 12



RETRATOS DO NOSSO OBJECTO 13



CONHECER MELHOR 16

- PRÓmedia - uma ideia a caminho de concretização 16



PLANO DE FORMAÇÃO 18



À CONVERSA COM 20



MATOSINHOS DE ENCANTAR 21

- Bernardo e Eduardo Brito e Cunha: Os bastidores da «memória» 21



É O QUE ESTÁ A DAR 24

- Atenção... Atenção... Linda Perry está VIVA! 24
- Satânico 25



PUBLIQUE-SE 26

- Área - Escola em acção / / Que grande confusão! 26

FICHA TÉCNICA · Director: Jorge Lima · Redacção: Georgina Teixeira, Rosa Branca Pinheiro · Propriedade: PRÓfessor - Centro de Formação de Professores de Matosinhos · Periodicidade: mensal · Tiragem: 2000 exemplares · Composição: Georgina Mendes · Capa: Helena Teles Viana · Execução gráfica: Edições Afrontamento · Correspondência: PRÓfessor - Centro de Formação de Professores de Matosinhos · Rua de Damão · 4450 Matosinhos · Tel.: 9381064 · Fax 9387683



P A R A COMEÇAR

Senhor Primeiro-Ministro
Senhor Ministro da Educação
Senhores Secretários de Estado
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Sou professor do ensino secundário há 14 anos
licenciado em Biologia
profissionalizado
do quadro de nomeação definitiva...
sem filhos
empenhado,
toda a minha vida profissional
em orientá-la
por critérios de competência
científica, pedagógica e deontológica.

No final de cada mês,
Vossas Excelências
têm a fineza de mandar pagar-me
cento e sessenta e um mil escudos «limpos»
o que
se considerarmos 35 horas semanais, 4 semanas por mês,
corresponde a 1150\$00 à hora...
ou seja
cerca de metade
do que o picheleiro me levou a semana passada...
um terço do que pago na oficina...
um oitavo de uma consulta de especialista...
um décimo do que ganha um economista...
a milésima parte do cachet do Hermam José na Roda da Sorte...
o que prova
que tudo é relativo...

Obstarão, Vossas Excelências,
«Mas é o dobro de uma mulher a dias...»
«... o triplo de um coveiro!»...

terei de concordar...
terei mesmo de concordar
que é o quádruplo do que ganha um professor em Malta
ou no Bangla Desh
o que vem, mais uma vez, provar
que tudo é relativo...

Senhor Primeiro-Ministro
Senhor Ministro da Educação
Senhores Secretários de Estado
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Para acertarmos contas
precisamos, ainda, de deduzir ao meu vencimento
o que eu gasto,
por mês,
a financiar o Sistema Educativo de Vossas Excelências...
... acetatos, papel, canetas, cassetes, livros científicos, fotocópias...
tudo
à volta de dez mil escudos...
tanto quanto preciso pagar
por mês
para trabalhar...
O meu vencimento
passa, então, a ser de 1078\$60 à hora...

Vossas Excelências,
para 1994,
tencionam presentear-me
com um «aumento» de 0%
quando a taxa de inflação prevista é de 6%
mais uma daquelas questões
em que tudo é relativo
tão relativo que
refeitas as contas
obtemos o valor real do meu vencimento – 1017\$60 à hora...

Senhor Primeiro-Ministro
Senhor Ministro da Educação
Senhores Secretários de Estado
Minhas Senhoras
Meus Senhores
Perdoar-me-ão todo este economicismo
que, provavelmente, aborrecerá Vossas Excelências,
voltados que estão
para questões mais humanistas...

Mas das duas uma...
ou eu sou parvo...
ou Vossas Excelências não estão interessados em dignificar
esta profissão...
ou eu trabalho por filantropia...
ou Vossas Excelências ainda não compreenderam...

Considerando tudo o que foi dito
Vossas Excelências
afinal
em cada semana
pagam-me para trabalhar
apenas até às dez e um quarto da manhã de terça-feira...
o resto do tempo
tenho a honra, o prazer e a bondade de o oferecer
não a Vossas Excelências
mas a todas as crianças e jovens deste País

porque
acreditem
os alunos, os pais dos alunos, eu e a grande maioria dos professores
temos consciência bem segura da importância
desta profissão

Senhor Primeiro-Ministro
Senhor Ministro da Educação
Senhores Secretários de Estado
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Tivesse eu 4 filhos,
a minha mulher não trabalhasse...
e não poderia, sequer,
ter escrito este «para começar»...
pois estaria
certamente
à procura de um «emprego»
que me permitisse equilibrar o orçamento
para poder
continuar a ser
ajudante de compreender o mundo...

Jorge Lima
Novembro 1993



Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário visita o PRÓfessor

«... Se não valorizarmos aquilo que consideramos a excelência não indicamos o caminho aos outros... e penso que uma sociedade, sobretudo os seus governantes, devem fazê-lo... valorizar aquilo que é importante e que deve ser valorizado... e que não é, propriamente, fruto seu, mas da iniciativa dos professores desta área.»

Joaquim Azevedo
SEEBs

No dia 26 de Novembro o PRÓfessor teve a honra de receber o Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, Dr. Joaquim Azevedo, acompanhado pelo Director Regional de Educação do Norte, Dr. José Azevedo, o Inspector-Delegado de Educação da Região Norte, Dr. Digner Costa, em representação do Inspector-Geral de Educação, Professor Doutor Jorge Arroiteia, o Gestor Regional do Programa FOCO-FORGEST, Dr. Valdemar Almeida e a Dr^a Fátima Soares da equipa da Região Norte do Programa FOCO-FORGEST.

Na Escola Secundária de Augusto Gomes estiveram a recebê-los o Conselho Directivo e os representantes da Comunidade Educativa, alunos, funcionários e professores.

Depois, nas nossas instalações, os elementos da Comissão Pedagógica e a equipa de colaboradores do PRÓfessor acompanharam o Dr. Joaquim Azevedo numa visita que incluiu uma exposição das actividades realizadas, este ano, pelo nosso Centro, preparada para o efeito, dando-se ênfase especial à ideia, que começa a tomar forma, do

Centro de Recursos Educativos de Matosinhos.

Joaquim Azevedo começou por referir que era objectivo da sua visita a este centro de formação, tornar pública a valorização que os governantes devem fazer das «boas» soluções que, em qualquer contexto, se encontram, neste caso dos professores e das escolas associadas na área da formação contínua.

Visita ao seu gosto «... é uma visita que eu gosto de fazer sem pompa e circunstância» de quem não tem medo de afirmar «... aprecio, apreciamos, esta forma de estar na educação e de trabalhar independentemente de questões ideológicas» e de quem não tem saídas para todas as nossas sugestões.

Entre as nossas sugestões, que foram apresentadas ao Secretário de Estado, contam-se:

a atribuição de figura jurídica aos Centros de Formação de Associação de Escolas, que permitiria a sua autonomia pedagógica, financeira e administrativa;

a consideração, para efeitos de progressão na carreira, do serviço

prestado como agentes de formação, para os elementos da Comissão Pedagógica, o Director de Centro, seus colaboradores e demais formadores;

a criação de um único procedimento contabilístico, para a gestão dos cofinanciamentos, independente da Contabilidade Pública; um estatuto para os formadores e colaboradores do Director de Centro, que não esteja sujeito às normas estabelecidas para as situações de acumulação usuais;

a atribuição, aos representantes dos Centros de Formação de Associação de Escolas, de um estatuto de parceiros sociais em questões de educação.

Joaquim Azevedo recordou quão custoso foi, politicamente, avançar com um projecto de formação contínua centrado nas escolas, valorizou a vertente autonómica que ainda urge potenciar nas nossas escolas:

«... politicamente aquilo que nós tínhamos a fazer está feito» «agora cabe ao conjunto das escolas e de



professores olharem os seus problemas e enfrentá-los» porque «... se os profissionais docentes transformam formação em corrida aos créditos, como já o disse a vossa revista, isso é problema dos profissionais docentes e não do Ministério».

Colocou assim e mais uma vez a tónica na inovação, na autonomia, na necessidade de se criarem estratégias de mudança, de melhoria da qualidade de educação em Portugal.

Deixou-nos em aberto o espaço para o nosso plano de formação até 1995 e para o nosso sonho de um centro de recursos educativos em Matosinhos «... como se faz... vocês sabem-no melhor do que eu e até terão meios para o fazer».

Para terminar fica-nos, também, a sua despedida:

«... o que é preciso é que haja destas dinâmicas. Felicito-vos pelo vosso trabalho, pela esperança...»

Ao que o Director do PRÓfessor retorquiu «*só possível pela Comissão Pedagógica que dirige o Centro e pelas colaboradoras que me acompanham, as sete meninas que são precisas para realizar este sonho...».*

O PRÓfessor fez 1 ano

E sempre se realizou, no dia 15 de Novembro, o jantar do 1º Aniversário do PRÓfessor no café Les Amis. Estiveram presentes 60 professores, encheu-se o espaço, era de facto impossível poder contar com os mil e tal formandos do nosso Centro.

O convívio foi como esperávamos. Rico em partilha entre profissionais com brilho nos olhos, animado não só pelo acompanhamento musical contratado mas fundamentalmente pelo entusiasmo dos participantes. Foram momentos altos aqueles em que Alexandre Falcão nos presenteou com os seus fados de Lisboa, alternando com Isabel Vital, Ana Valente e Isabel Dias. Até o Director do Centro, «capaz de todas as inovações» se juntou a este grupo musical de profissionais «prospectivos em relação a tudo o que desconhecem».

Para o ano ainda temos de fazer melhor...





Sistema de distribuição da revista – 1994

Mais uma vez se sentiu a necessidade de alterar, melhorar o nosso sistema de distribuição da revista (Jardins de Infância e Escolas do 1º ciclo do Ensino Básico). São duas as modalidades de distribuição:

- Uma pelo correio, directamente para as Escolas com o número de exemplares correspondente ao número de docentes, que se encontram a leccionar nessa Escola (os dados foram actualizados de acordo com as indicações dos respectivos Directores);
- Outra por mão própria em três circuitos de distribuição.

Distribuição da Revista

Pelo Correio

Estabelecimento
Centro Infantil de Matosinhos
Colégio Novos Rumos
Externato do Padre Cruz
J.I. «O Pinóquio»
J.I. da Biquinha
J.I. de Leça da Palmeira nº 1
J.I. de Leça da Palmeira nº 2
J.I. de Leça da Palmeira nº 3
J.I. de Matosinhos
J.I. de Portela (Santa Cruz do Bispo)
Externato Bom Jesus
E. da Agudela (Pampolide - Lavra)
A.P.P.A.C.D.M.
Equipa do Ensino Especial de Matosinhos
Creche da C.H.E. «AS SETE BICAS»
J.I. da CHE «AS SETE BICAS»
E. de Matosinhos nº 3
E. de Matosinhos nº 4
E. de Matosinhos nº 6
E. de Sendim
E. da Agudela (Pampelide-Lavra)
E. de Leça da Palmeira nº 2
E. de Leça da Palmeira nº 3
E. de Leça da Palmeira nº 4
E. de S. Cruz do Bispo nº 1
E. de S. Cruz do Bispo nº 2
E. do Freixieiro nº 1
E. do Freixieiro nº 2
E. de Antela
E. de Angeiras (Lavra)
E. da Praia de Angeiras
E. de Cabanelas nº 1 (Lavra)
E. de Cabanelas nº 2 (Paço-Lavra)
Extensão Educativa
Externato do Padre Cruz
Externato do Bom Jesus
A.P.P.A.C.D.M.

Por mão própria:

1º CIRCUITO

E. Secundária Augusto Gomes – Matosinhos
J. I. João de Deus
E. de Matosinhos nº 2

2º CIRCUITO

Estabelecimento
E. Preparatória de Matosinhos
E. Ensino Básico Integrado da Barranha
E. de Cruz do Pau nº 2
E. de Cruz do Pau nº 1
E. Secundária nº1 de Matosinhos
E. de Matosinhos nº 5
E. de Matosinhos nº 7

3º CIRCUITO

Estabelecimento
E. Profissional Ruiz Costa
E. Secundária de Leça da Palmeira
E. de Leça da Palmeira nº 1
E. Preparatória de Leça da Palmeira
E. da Igreja – Perafita
E. C+S de Lavra

Como é natural, este novo sistema da responsabilidade única do PRÓfessor, vem sobrecarregar a equipa do Centro, mas esperamos com ele servir melhor todos os professores do Centro.

As escolas que integram o PRÓfessor

PROFESSORES DAS ESCOLAS ASSOCIADAS			
Estabelecimento	Prof.	Morada	Telefone
Jardins de Infância			
Centro Infantil de Matosinhos	9	R. Dr. José Ventura	9382999
Colégio Novos Rumos	4	R. das Terçosas, 385	9533296
Externato do Padre Cruz	2	R. Álvaro de Castelões, 565	9374420
J. I. João de Deus	7	R. 1º de Maio	9381104
J.I. «O Pinóquio»	2	R. Justino Montalvão, 166 Leça Pal	9955657
J.I. da Biquinha	2	Bairro da Biquinha	9383708
J.I. de Leça da Palmeira nº 1	1	R. Nogueira Pinto	9951797
J.I. de Leça da Palmeira nº 2	4	R. Hintze Ribeiro	
J.I. de Leça da Palmeira nº 3	2	Av. Dr. Fernando Aroso	
J.I. de Matosinhos	3	R. António Aleixo	
J.I. de Portela (Santa Cruz do Bispo)	2	R. da Portela, Sª Cruz do Bispo	9958165
Externato Bom Jesus	3	R. Dr. José Ventura, 93	9384475
E. da Agudela (Pampolide – Lavra)	1	R. Agudela	9960161
A.P.P.A.C.D.M.	6	R. dos Lagos, 48 – Sª da Hora	9510444
Equipa do Ensino Especial de Matosinhos	6	R. Conde Alto Mearim, 218	9376989
Creche da C.H.E. «AS SETE BICAS»	2	R. Gonçalves Crespo, 7 – Sª da Hora	
J.I. da CHE «AS SETE BICAS»	2	R. Vitorino Nemésio, 101 – Sª da Hora	9513634
Subtotal	58		
Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico			
E. de Matosinhos nº 5	18	R. Pombal	9372780
E. de Matosinhos nº 2	9	R. Augusto Gomes – Matosinhos	9373489
E. de Matosinhos nº 3	5	R. Brito Capelo, 730	9372645
E. de Matosinhos nº 4	7	Bairro dos Pescadores	9373817
E. de Matosinhos nº 6	7	R. de Diu	9372876
E. de Matosinhos nº 7	13	R. do Godinho	9378420
E. de Sendim	11	R. dos Sarilhos – Sª da Hora	9534615
E. da Agudela (Pampelide-Lavra)	6	R. da Agudela	9960161

E. de Leça da Palmeira nº 1	18	R. Óscar da Silva	9951373
E. de Leça da Palmeira nº 2	5	R. Heróis de África	9962665
E. de Leça da Palmeira nº 3	7	R. Hintze Ribeiro	9950770
E. de Leça da Palmeira nº 4	10	R. Nogueira Pinto	9951797
E. de S. Cruz do Bispo nº 1	16	Lgº da Viscondessa – S. Cruz do Bispo	9960262
E. de S. Cruz do Bispo nº 2	8	R. da Portela – S. Cruz do Bispo	9958165
E. do Freixieiro nº 1	4	R. 31 de Janeiro	9960039
E. do Freixieiro nº 2	8	Trav. 31 de Janeiro	9965256
E. de Cruz do Pau nº 1	21	R. Cruz do Pau	9373334
E. de Cruz do Pau nº 2	24	Bairro da Biquinha	9383708
E. de Antela	4	R. de Antela	9960157
E. de Angeiras (Lavra)	3	R. das Angeiras	9272346
E. da Praia de Angeiras	9	R. da Quinta – Calvelhe – Lavra	9272286
E. de Cabanelas nº 1 (Lavra)	6	Cabanelas Lavra	9960158
E. de Cabanelas nº 2 (Paço-Lavra)	5	R. Alvito Paço	9960159
E. da Igreja – Perafita	19	R. Ocidental – Perafita	9951477
Extensão Educativa	6	R. Afonso Cordeiro, 132	9383932
Externato do Padre Cruz	3	R. Álvaro de Castelões, 565	9374420
Externato do Bom Jesus	4	R. Dr. José Ventura	9384475
J.I. João de Deus	9	R. 1º de Maio	9381104
A.P.P.A.C.D.M.	2	R. dos Lagos – Sª da Hora	9510444
Subtotal	267		
Escolas do 2º e 3º Ciclo E. Básico e do E. Secundário	Prof.	Morada	Telefone
E. Preparatória de Matosinhos	150	R. Augusto Gomes 4450 Matosinhos	9383170 9375427FAX
E. Preparatória de Leça da Palmeira	120	R. General Humberto Delgado 4450 Matosinhos	9953929 9965590FAX
E. C+S de Lavra	77	R. da Cruz Cabanelas Lavra – 4450 Matosinhos	9963995 FAX
E. Ensino Básico Integrado da Barranha	35	Av. Vasco da Gama	9538086 9538087FAX
E. Secundária nº 1 de Matosinhos	210	Av. Villagarcia d'Arosa	9383658/9 9383480FAX
E. Secundária de Leça da Palmeira	160	Av. dos Combatentes da Grande Guerra	9961988/9 9964374FAX
E. Secund. Augusto Gomes – Matosinhos	180	R. Damão	9381064/5 9379320FAX
E. Profissional Ruiz Costa	27	Av. Dr. Fernando Aroso, 171	9957735
Subtotal	959		
Total	1284		



Situação do ensino do Português em França

Nuno Dá Mesquita*

Ao ser professor efectivo de Português do corpo docente do Ministério da Educação Nacional do Estado Francês, parece-me necessário, após cinco anos de professorado, apresentar e clarificar, junto do grande público, a situação do ensino do Português em França. Hoje em dia, o idioma luso é ensinado em planos opostos e contraditórios. Contraoendo-se ao ensino oficial, as aulas e cursos paralelos de português criam um contexto de falsa dualidade que, a curto prazo, ameaça a existência e a vivência dos estudos portugueses nos liceus e nas universidades.

Importa saber que estatuto se deseja para a língua de Camões em França. Língua de «imigração» ou língua de «cultura»? Eis o nó da questão!

O ensino paralelo da língua portuguesa é veiculado, essencialmente, pelas estruturas do movimento associativo da imigração portuguesa residente em França. Este ensino dado em condições marginais que, por vezes, lembram a clandestinidade, destina-se a crianças e jovens luso-descendentes. Ao pretender ensinar o português em situação de língua materna, ao organizar aulas fora dos horários e dias escolares, o movimento associativo português afasta-se e nega a realidade da sociedade, impedindo uma real integração das crianças portuguesas no mundo francês. Do ponto de vista humano e pedagógico esta situação não é compreensível. Trata-se de uma sobrecarga escolar para o aluno que, à noite ou aos sábados frequenta esta aprendizagem marginal. Rouba-lhe o tempo preciso para estudar as disciplinas indispensáveis (francês, matemática, etc.). Sem boas notas nestas matérias a criança arrisca-se a ter uma escolaridade perturbada, ou seja a não ter futuro. Por outro lado, este ensino paralelo concorre, na maior parte

das vezes, para o aparecimento de traumas de ordem psicológica e afectiva nestes jovens. Ao frequentar o curso entricheirado de português o jovem perde companheiros, que participam em actividades lúdicas, culturais ou desportivas enquanto ele está na escola vivendo essa situação como um castigo. Nestas condições, talvez o jovem aprenda rudimentos de português, mas aprenderá mais provavelmente o que é um gueto.

Tal experiência pessoal conduz a resultados inexoráveis. Já adolescente e com maior liberdade de acção em relação aos pais, este jovem luso-descendente proclamará a sua aversão pela língua portuguesa. Esta aversão, aliada à crise da adolescência irá desaguar na impossibilidade de diálogo entre pais e filhos. Para estes, os pais são oriundos de uma sub-cultura, logo não são dignos nem de consideração nem de respeito. As consequências desta fractura conduzem a dramas humanos graves e à impossibilidade de uma integração efectiva tanto na sociedade francesa como na portuguesa.



Na era da comunicação, como aceitar esta cultura divulgada às escondidas, vivida em contradições afectivas, ensinada em locais sem condições e com professores cujas habilitações se desconhecem? Um diploma reconhecido é nos tempos actuais a melhor garantia de adaptação a qualquer comunidade.

O ensino oficial do Português oferece, por sua vez uma aprendizagem integrada e aberta a todos os estudantes dos liceus onde existe. O idioma luso é dado em língua viva 1, 2 e 3 podendo ser escolhida em 6^{ème} ou 1^º ano do ciclo liceal, em 4^{ème} e em seconde.



Se o ensino em LV1 parece estar condenado, devido ao peso do inglês, língua franca por excelência, existe, no entanto, uma potencialidade real para o desenvolvimento do ensino do português em LV2 e LV3. Contudo esta potencialidade não é aproveitada e os professores de português, funcionalismo obrigatório passam a dar francês ou outra matéria. Esta situação impede a divulgação e o reconhecimento da cultura portuguesa em França. Além de ameaçar os estudos de português nas faculdades e escolas superiores, permite entender o eco reduzido que têm as manifestações culturais lusas, mesmo quando são de qualidade.

O ensino oficial é vítima, assim, da apetência financeira do ensino paralelo, que na ânsia do lucro tudo faz para denegrir e combater o ensino oficial. É vulgar ouvir-se dizer que não sabemos falar português, que o idioma luso deve ser ensinado em condições de língua materna, que um professor de francês é «geneticamente» incapaz de leccionar português. Tais imbecilidades, facilmente desmontáveis, aliam-se a algo bem pior. Ao organizar aulas paralelas, o movimento associativo de imigração portuguesa, residente em França, impede a criação de postos de ensino de português, aconselhando os pais a não matricular os filhos em português e não sugerindo aos encarregados de educação que lutem por tal tipo de ensino, uma vez que bastam 15 interessados para poder funcionar esta opção num liceu. Por outro lado esta política fornece a certos reitores um excelente alibi, porque não lhes interessa ver as suas escolas abertas ao ensino de português.

E assim continuarão alunos luso-descendentes a frequentar aulas de português, nas associações, contra forte participação financeira, impedindo os seus pais de lhes proporcionarem explicações de matemática, francês ou física, enquanto nas escolas oficiais o português não funciona como opção.

Esta situação leva o reitor do liceu onde leciono, homem aberto e apreciador de Fernando Pessoa, a não entender por que é que a maioria dos estudantes luso-descendentes matriculados, optam por Castelhana ou outra língua qualquer em vez do Português.

* PQND do Ministério da Educação Nacional do Estado Francês, a leccionar no Liceu Nantes - Ia - Jolie.

RACIOCÍNIOS LÓGICOS / MAIO 93

Isabel Sérgio Limpo de Faria*

SE

- * Estabelecemos hierarquias, arbitrariamente, em referência a uma NORMA CULTURAL DA ESCOLA, segundo um código de valores associado, normalmente, a um grupo «dominante» que, como detentor do poder, define objetivos e estrutura a Educação.
- * A nível institucional, e da relação interpessoal, não forem consideradas as diferentes culturas de que os alunos são portadores.
- * Considerar que os «nossos» alunos à entrada da escola estão mais ou menos afastados das metas, de acordo com o estrato social de que são provenientes – fatalismo biopsicológico. É o handicap hereditário, o handicap económico e cultural.
- * A escola acentuar e converter as diferenças em desigualdades.
- * A escola não tomar consciência da sua responsabilidade na formação dos seus alunos.

ENTÃO:

Instalam-se as desigualdades... gera-se o Insucesso!

MAS QUANDO:

SE

- * Reconhece haver nos alunos um estado de desenvolvimento diferente.
- * Considera que os alunos são portadores de culturas, saberes, memórias, riquezas, problemas diferentes, próprios, mas que não se podem comparar, que são efectivamente diferentes mas não desiguais.

- * Não desculpabiliza a escola, dizendo que os alunos que lá chegam são irremediavelmente «estúpidos» ou «inteligentes», e a escola se torna responsável, actuante e com grande poder de entendimento e intervenção.
- * Estimula a alegria, a partilha de esforços e ideias.
- * Valoriza os alunos e aceita como «pessoas» as pessoas, manifestando-se uma atitude empática em relação aos seus problemas.
- * Respeitam e se atende a linguagens, comportamentos, tempos e ritmos de aprendizagem diferentes.

ENTÃO:

*O «fatalismo» foi definitivamente ultrapassado...
a escola é um lugar onde impera o direito à diferença e ao pluralismo cultural.
A Escola é o lugar onde TODOS RECEBEM A ALEGRIA!*

NÓS (PROFESSORES) ACTORES!

Nós somos os actores que, quando interpretamos o papel que nos coube na peça que não escrevemos, recriámo-lo.

É o sucesso ou o insucesso dessa peça...

É no nosso saber, na nossa arte, na compreensão e reflexão do papel que desempenhamos, que se faz a ligação do social ao individual.

Nós, actores/actrizes, na peça que não escrevemos, para além de boa qualidade de representação, cabe-nos a importante parcela da... INOVAÇÃO.

É, nesta parcela, que lhe encontro o sentido...

* PQND do 11º grupo-B da Escola Secundária do Padrão da Légua

ÀS QUARTAS... É NO CENTRO

PROGRAMA 1994

O PRÓfessor, para além das actividades de formação de professores que integram o seu Plano de Formação, decidiu, na sequência das «Quartas-feiras à noite... em Junho» desenvolver espaços de debate sobre temas de interesse para os docentes do Centro, que designamos por «Às Quartas... é no Centro!».

São sessões de trabalho, com cerca de 2 horas, com início às 21.30h, sobre temas científicos ou da didáctica das especialidades, que decorrerão em duas modalidades – mesas redondas abertas ou orientadas por uma personalidade de reconhecido mérito nesses campos, que têm lugar nas instalações próprias do nosso Centro. O programa previsto para 1994 é o seguinte:

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DA HISTÓRIA

12 de Janeiro
Mesa redonda orientada pela
Dr^a Maria Emília Dinis
Público-alvo – Professores
do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS
VERSUS
AS NOVAS METODOLOGIAS
NO ENSINO
DA BIOLOGIA-GEOLOGIA
26 de Janeiro
Mesa redonda orientada pelo
Dr. Mário Freitas
Público-alvo – Professores
do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS
VERSUS
AS NOVAS METODOLOGIAS
NO ENSINO DA ECONOMIA
9 de Fevereiro
Mesa redonda
Moderadoras – Dr^a Fátima Martins
e Dr^a Juventina Sousa
Público-alvo – Professores
do E. Básico e E. Secundário

OS PORTFOLIOS NA AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO BÁSICO

9 de Março
Mesa redonda orientada pelo
Dr. Domingos Fernandes
Público-alvo – Professores
do E. Básico

MODELO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO

23 de Março
Mesa redonda orientada por
Eng.^o Francisco Jacinto
Público-alvo – Professores
do E. Secundário

MODELO DE AVALIAÇÃO DA ESCOLARIDADE BÁSICA OBRIGATÓRIA

13 de Abril
Mesa redonda orientada pelo
Dr. Valter Lemos
Público-alvo – Professores
do E. Básico

MODELOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE JARDINS DE INFÂNCIA EM CONFRONTO

27 de Abril
Mesa redonda orientada pela
Dr^a Dora Vigário
e por uma representante do Instituto
João de Deus
Público-alvo – Educadores
de Infância

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DO PORTUGUÊS

18 de Maio
Mesa redonda orientada pela
Dr^a Adélia Silvestre
Público-alvo – Professores
do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DO INGLÊS

Balanco do 1^o ano
de experimentação
1 de Junho
Mesa redonda orientada por
personalidade a anunciar
Público-alvo – Professores
do E. Básico e E. Secundário

Para participar é fácil! Basta enviar-nos uma carta, até 1 semana antes do início da sessão escolhida indicando:

- a «Quarta-feira» a que se candidata;
- o nome completo;
- a morada e telefone;
- a Escola a que pertence
- situação profissional;

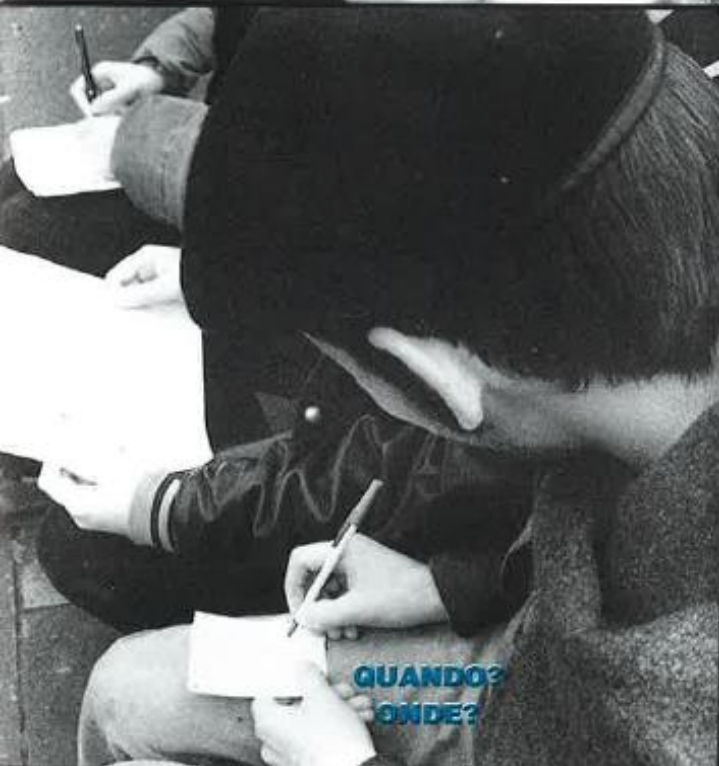
Este plano/programa está sujeito a alterações. Continuamos abertos às vossas sugestões.

Retratos do nosso objecto

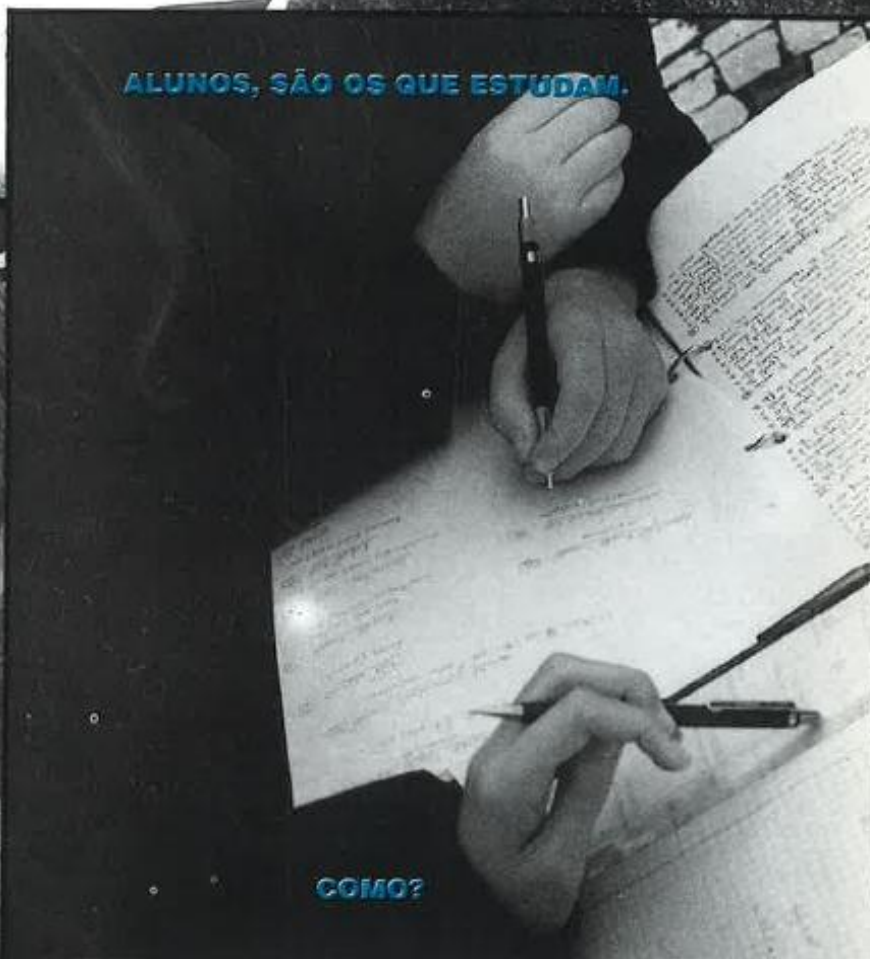
Autor: José Caldas



ALUNOS, SÃO OS QUE ESTUDAM.



QUANDO?
ONDE?



COMO?

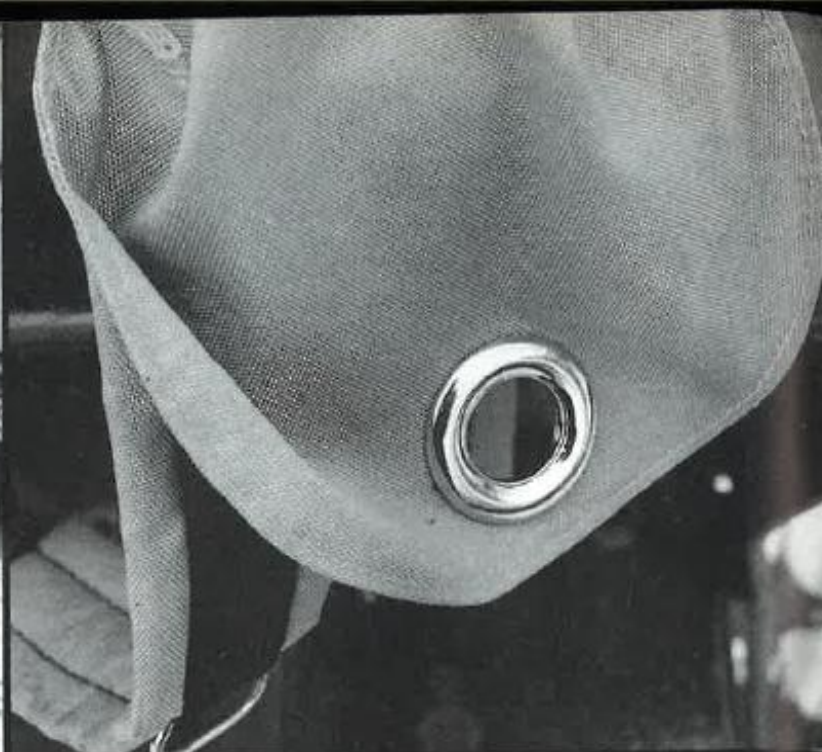


COM QUÊ?

Trata-se de uma nova secção em que se mostram caras dos nossos alunos, desde o pré-escolar ao secundário mas, quase sempre em close-up mostrando sinais particulares de expressão, olhares furtivos, pingos brancos na orelha, chuchas no bolso.



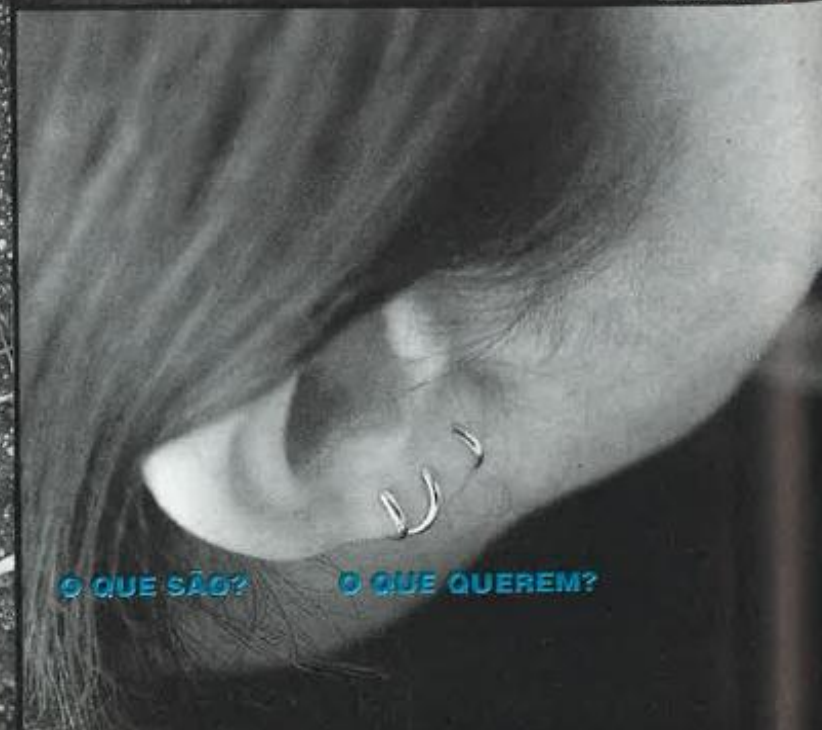
PASSEMOS A OLHAR À NOSSA VOLTA,
COMO QUE À PROCURA DO NOSSO
OBJECTO



QUEM SÃO?

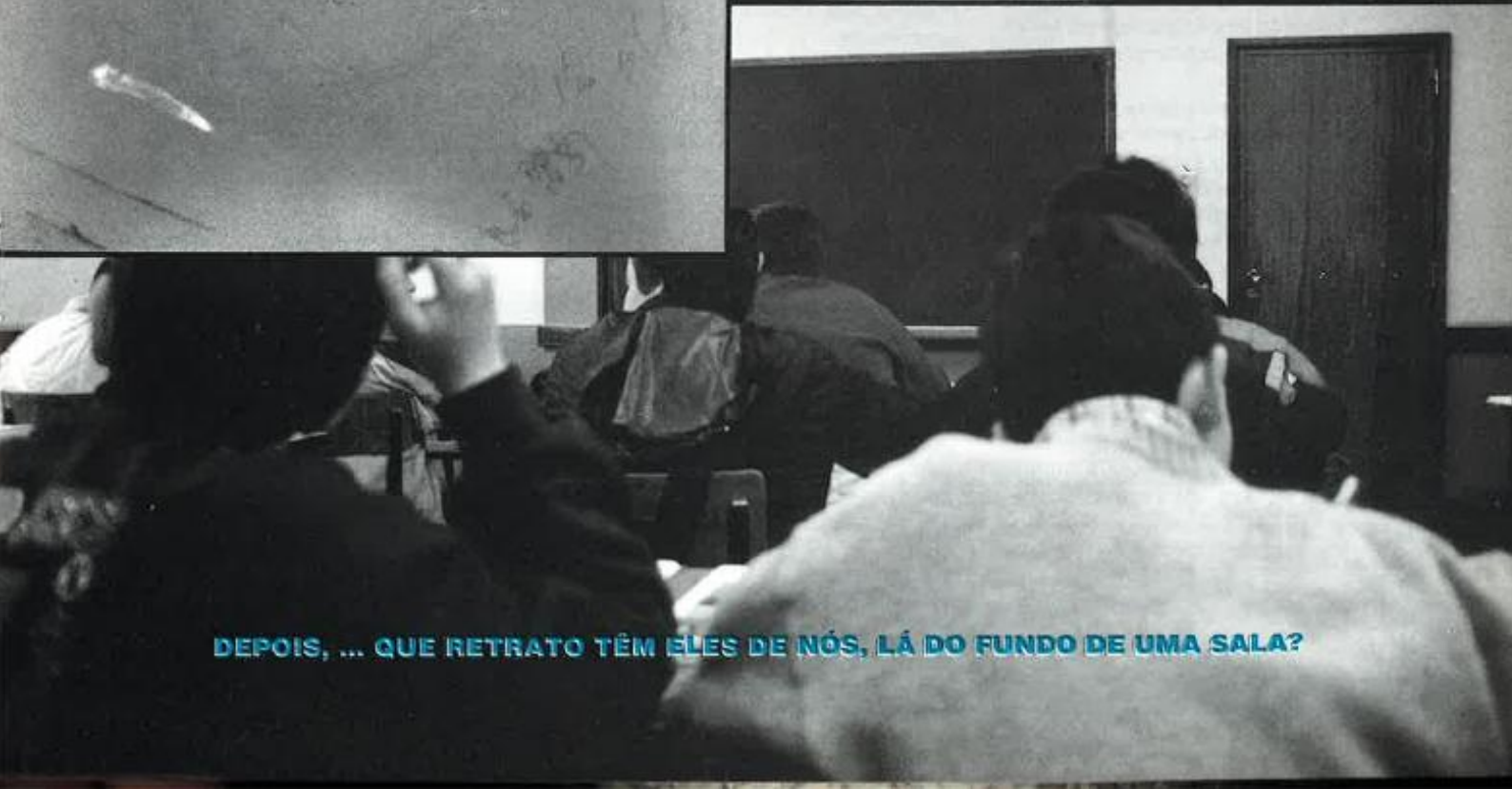


PASSEMOS A OLHAR À NOSSA VOLTA, EM VEZ DE
OLHAR APENAS EM FRENTE



O QUE SÃO?

O QUE QUEREM?



DEPOIS, ... QUE RETRATO TÊM ELES DE NÓS, LÁ DO FUNDO DE UMA SALA?



CONHECER MELHOR

PRÓmedia

- uma ideia a caminho da concretização

Acabou a Acção V - O Professor e os meios auxiliares de ensino Curso 7 - Organização de Centros de Recursos Educativos e das Mediatecas Escolares - uma forma de Inovação Educacional. Orientada pelo Professor Doutor António Moderno, destinada aos membros da Comissão Pedagógica e colaboradores do PRÓfessor, que teve como objectivos:

- informar e sensibilizar os professores para a integração das tecnologias educativas na sala de aula;
- ajudar e aconselhar os professores em matéria de equipamento;
- elaborar programas de intervenção e animação de estágios ligados às aplicações pedagógicas dos diversos media;
- preparar os professores para a concepção e produção de certos documentos pedagógicos utilizando algumas tecnologias da comunicação;
- planificar e organizar um Centro de Recursos Educativos que responda às necessidades das escolas associadas em Centros de Formação Contínua de Professores.

Esta acção, nas palavras do Professor António Moderno é caracterizada do modo seguinte:

A Lei de Bases do Sistema Educativo (Cap. V, artº 41º) refere a necessidade de

se criarem os «Centros Regionais de Recursos Educativos» no sentido de se integrarem, cada vez mais, na escola, as tecnologias da comunicação. Estes Centros deverão ter como principais agentes da sua dinamização os professores e os Conselhos Directivos das escolas.

Constatamos, todavia, que um grande número de professores, embora motivados, necessitam de uma maior preparação não só ao nível da organização e gestão desses Centros, mas, principalmente, no domínio da concepção e produção de documentos didácticos a utilizar pelos alunos e professores.

A nossa proposta visa formar os professores e gestores escolares no sentido de, através da criação dos Centros de Recursos e das Mediatecas, se fazer uma verdadeira inovação pedagógica em que as tecnologias da comunicação ocupam o seu lugar na escola.

Para isso, aproveitamos a estrutura agora criada a partir das Associações de Escolas para a Formação Contínua de Professores.

Ao fim de um ano de trabalho, 708 lugares de formação em 11 acções diversificadas, o PRÓfessor, procurando responder às necessidades de formação dos docentes abriu, acreditamos, novos horizontes.

E, novos horizontes, implicam mais e melhores meios técnicos...

... a rentabilização dos meios já existentes, através do intercâmbio entre escolas,

... a produção colectiva de materiais didácticos que poderão ser postos à disposição de toda a comunidade educativa,

... a divulgação de novas tecnologias educativas,
... e uma gestão eficaz.

Assim surgiu a ideia do PRÓmedia - Centro de Recursos Educativos de Matosinhos...

... integrados numa estrutura única. Compartilhando intenções e as principais finalidades, PRÓfessor e PRÓmedia poderão dentro de alguns anos dispor de uma infra-estrutura como esta...



De momento é apenas uma ideia que ganha força mas, como nos disse o Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, na visita que realizou ao PRÓfessor «... quem foi capaz de concretizar um Centro de Formação assim... não terá dificuldades em conseguir criar um Centro de Recursos.»

Voltaremos a este assunto na próxima revista.

PROJECTO DE FORMAÇÃO PARA 1993-95 (Versão 1994)

Projectos	Tema	Hor.	Área	Mod.	Nível	Destinatários Prof. profissionalizados de:	F(nº)	Local Previsto/ /Anotações	Início/Fim
	1 Avaliação dos alunos do 3º Ciclo – Uma escola concertada	150	C	P	A	—	35	—	
	2 Escolas do 1º Ciclo de Matosinhos – Ainda estamos a tempo...	150	C	P	A	—	36	—	
	3 PRÓmédia – Centro de Recursos Educativos de Matosinhos – a concretização de um sonho...	150	C	P	A	—	37	—	
	4 Formar para que professor?	150	C	P	A	—	38	—	

Outras Actividades de Formação

	Tema	Hor.	Área	Mod.	Nível	Destinatários Prof. profissionalizados de:	F(nº)	Local prev./ /Anotações	Início/Fim
As Quartas é no Centro!	1. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino da História	2	C	Debate		História do E. Bás. e Secund.	—	Pavilhão PRÓfessor	94/01/12
	2. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino da Biologia-Geologia	2	C	Debate		Biologia e Geologia dos E. B. e Sec.	—	P. PRÓf.	94/01/26
	3. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino da Economia	2	C	Debate		Economia do E. Secundário	—	P. PRÓf.	94/02/09
	4. Os portefólios na avaliação dos alunos do E. Básico.	2	C	Debate		E. Básico	—	P. PRÓf.	94/03/08
	5. Modelo de avaliação do E. Secundário	2	C	Debate		E. Secundário	—	P. PRÓf.	94/03/22
	6. Mod. de avaliação da Escolaridade básica obrigatória	2	C	Debate		E. Básico	—	P. PRÓf.	94/04/13
	7. Modelos de ensino-aprendizagem de jardins de infância em confronto	2	C	Debate		Educação de infância	—	P. PRÓf.	94/04/27
	8. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino do Português	2	C	Debate		E. Básico e Secundário	—	P. PRÓf.	94/05/18
	9. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino do Inglês	2	C	Debate		E. Básico e Secundário	—	P. PRÓf.	94/06/01
	10. Encontros de educadores de infância	2	C	Debate		E. Pré-escolar	—	P. PRÓf.	a indicar
	11. Métodos e técnicas de leitura e escrita no 1º Ciclo do E. Bás.	2	C	Debate		E. Básico	—	P. PRÓf.	a indicar
	12. Da formação recebida ao desempenho no processo ensino-aprendizagem e na dinamização da Escola	2	C	Debate		Todos	—	P. PRÓf.	a indicar
	13. O novo modelo de gestão escolar	2	C	Debate		Todos	—	P. PRÓf.	a indicar
Exposição	1. Siza Vieira – Percurso de um projecto	—	—	—	—	Todos	—	a indicar	a indicar
	2. A Escola do futuro – Exposição conjunta de artistas plásticos de Matosinhos	—	—	—	—	Todos	—	a indicar	a indicar
Concerto	Rodrigo Leão e os Vox Ensemble	—	—	—	—	Todos	—	a indicar	Mar. ou Abr.
Congresso	A imagem do Professor	—	—	—	—	Todos	—	a indicar	Setembro
Revista	Número 8	—	—	Todas	—	Todos	—	—	Janeiro
	Número 9	—	—	Todas	—	Todos	—	—	Fevereiro
	Número 10	—	—	Todas	—	Todos	—	—	Março
	Número 11	—	—	Todas	—	Todos	—	—	Abril
	Número 12	—	—	Todas	—	Todos	—	—	Maior
	Número 13	—	—	Todas	—	Todos	—	—	Junho
	Número 14	—	—	Todas	—	Todos	—	—	Jul.-Set.
	Número 15	—	—	Todas	—	Todos	—	—	Outubro
	Número 16	—	—	Todas	—	Todos	—	—	Nov.-Dez.
Actividades	1. Troféu PRÓfessor	—	—	—	—	Todos	—	—	Julho
	2. Festa do 2º Aniversário do PRÓfessor	—	—	—	—	Todos	—	—	Novembro
	3. Festa de Natal PRÓfessor – 1994	—	—	—	—	Todos	—	—	Dezembro

PROJECTO DE FORMAÇÃO PARA 1993-95 (Versão 1994)

Acção	Cursos / Módulos	Horas	Área	Metod.	Nível	Destinatários	F (nº)	Local previsto / Anotações	Início / Fim	
									Pref. profissionalizado de:	Turma A
I - O professor agente do sistema	1. Sistema Educativo	60	A	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	17	Realização não prevista para 1994		
II - O professor, e a orgânica da Escola	1. Administração, direção e gestão das Escolas	90	G	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	32	Realização não prevista para 1994		
	2. Apoio Sócio Educativo - Contributo para a Humanização da Escola		G	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	23			
	A.	30								
	B.	30								
III - O professor, a dinamização da Escola e as relações com o meio	1. Direcção de Turma	90	C	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	5	Realização não prevista para 1994		
	2. Área-Escola, a Comunidade, a Animação		C	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	1			
	A.	22								
	B.	22								
	C.	22								
	3. Património Histórico-Cultural de Matosinhos - seu Potencial Pedagógico na Área Escolar		C	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	31			
A.	31									
B.	30									
IV - O professor de aluno	1. Tendências actuais da pedagogia	100	A	CF	A	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	9	Realização não prevista para 1994		
	2. Preocupação com o aluno como pessoa		C	CF	I	3º ciclo do E. Bás. e Sec.	6			
	A.	30								
	B.	30								
	3. Comunicação na aula		F	OF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	2			
	A. Dinâmica de grupos	42								
	B. Dramatização na sala de aula	30								
	4. Trabalho de projecto	60	C	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	7	Realização não prevista para 1994		
	5. D.P.S. - Desenvolvimento Pessoal e Social - Formação para a docência	270	C	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	28			
	6. Lidar com a diferença	66	C	CF	A	1º ciclo do E. Bás.	10	Realização não prevista para 1994		
	7. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância - I	66	C	CF	A	Educadores e Infância	9	Realização não prevista para 1994		
	8. Investigação em Educação		A	CF	A	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	19			
A.	22									
B.	22									
9. Avaliação Pedagógica - E. Básico 2º, 3º e E. Secundário	30	C	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	33				
10. Psicologia do Desenvolvimento - da infância à adolescência	30	C	CF	I	Educadores de Infância e 1º ciclo do E. Bás.	29				
11. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância - II	22	C	CF	A	Educadores de Infância	30				
V - O professor, e os meios auxiliares de ensino	1. A Fotografia no Ensino		F	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	22			
	A.	30								
	B.	30								
	4. O Computador no dia-a-dia do professor - I	60	F	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	14			
	6. PRÓMAC	72	F	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	4	Realização não prevista para 1994		
	7. A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Metodologias Escolares - Um Meio para a Inovação Educativa	66	F	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	15			
VI - O professor e a carreira	1. A Identidade Profissional do Professor		D	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	12			
	A.	22								
	B.	22								
VII - O professor ao espelho	1. Professor «Reflectido»	44	D	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	25			
VIII - O professor, a sua especialidade e a didáctica dela	1. Didáctica da Língua Portuguesa	66	E	CF	A	1º ciclo do E. Bás.	3	Realização não prevista para 1994		
	2. Didáctica da Matemática	44	E	CF	A	1º ciclo do E. Bás.	24			
	3. Técnicas Laboratoriais de Química	60	B	CF	I	4º grupo do E. Bás. e Sec. e 11º - B	11	Realização não prevista para 1994		
	4. História - Temas do séc. XIX e XX	30	B	CF	I	História, Filosofia e Português do E. Bás. e Sec.	27			
	5. O Computador na Aula de Inglês	60	C	CF	I	Inglês 2º e 3º ciclo E. Bás. e Sec.	13			
	6. Fover na Aula de Línguas (Alemão-Inglês)	60	C	CF	I	Alemão e Inglês 3º ciclo E. Bás. e Sec.	20	Realização não prevista para 1994		
	7. Expressão Física	60	C	CF	I	1º ciclo do E. Bás.	26	Realização não prevista para 1994		
	8. Desporto Escolar		C	CF	A	2º e 3º ciclo do E. Bás. e Sec.	19			
	A.	22								
	B.	22								
	9. Aprendizagem por Mudança Conceptual em Biologia e Geologia		C	CF	A	Biologia e Geologia 2º e 3º ciclo E. Bás. e Sec.	16			
	A.	22								
B.	22									
10. Investigação em História Local	66	B	CF	A	História 3º ciclo E. Bás. e E. Sec.	21	Realização não prevista para 1994			
11. Ensino precoce de uma língua estrangeira no 1º Ciclo	30	E	CF	I	1º Ciclo do E. Bás.	34				

... para gente que ousa **fascinar-se!**

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

mnopqrstuvwxyz



EDIÇÕES
AFRONTAMENTO



**À CONVERSA
COM...**



*Minicurrículum:
Valdemar Castro Almeida,
Subgestor da Equipa Regional do Norte
dos Programas FOCO-FORGEST*

Nota da redacção – Por lapso, na nossa revista de Novembro/Dezembro 1993, não foi publicada correctamente a resposta à questão 10 que colocámos ao Dr. Valdemar Almeida pelo que, e na impossibilidade de transcrever de novo toda a entrevista, se apresenta, de seguida, a versão correcta da referida questão e resposta.

P₁₀. Para finalizar agradecemos que formulasse e respondesse, por favor, a uma questão que gostaria que lhe tivéssemos colocado ao longo desta entrevista.

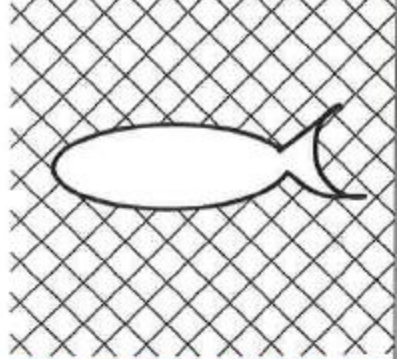
R₁₀. «*Que características gostaria que tivessem as acções de formação a realizar nos próximos anos?*»

Gostaria que fossem acções que se inscrevessem num conceito de formação centrada na escola, que se orientassem essencialmente para uma reflexão sobre as práticas, em ordem a um aprofundamento teórico, que correspondessem às verdadeiras necessidades dos professores e que, maioritariamente, assumissem modalidades não académicas ou escolarizadas.



ESCOLA DE DANÇA E MOVIMENTO

R. Dr. Forbes Bessa, 169, r/c
4450 MATOSINHOS
tel. 9372441



Bernardo e Eduardo Brito e Cunha:

OS BASTIDORES DA «MEMÓRIA»

María do Carmo Serén* (Texto) Teresa Siza** (Fotos)

Descer a rua Brito e Cunha, paralela a Brito Capelo, é um passeio inócuo até ao passado. Mas procurar a origem, no concelho, desta família, é um trajecto heróico, trágico, rico de efeitos e contradições. Para isso temos de ir até ao Largo do Ribeirinho, que em tempos desfiava até ao Leça um riozinho que confrontava o braço que descia da Quinta da Conceição. Nos finais do século XVIII, a rua da Igreja (hoje José Ventura) levava até à Quinta da Ribeirinha, onde um parque que iria crescendo no tempo começava a acumular árvores exóticas de grande porte. Pertencia aos Brito e Cunha, das Taipas, no Porto, família que esquecia já ter sido de cristãos-novos e se insinuava nos negócios públicos e privados das transferências de rendas em que se envolviam as novas ordens religiosas.

Em 7 de Maio de 1829, o Porto inteiro conhecia o nome – e a face – de Bernardo Brito e Cunha; António Bernardo de Brito e Cunha, contador da Real Fazenda, natural das Taipas, Porto, seguia no cortejo de condenados pela devassa que D. Miguel mandara fazer no Porto. Com ele iam outros novos réus de liberalismo assumido. Os sentenciados

sairam da Cadeia da Relação às 10 da manhã desse dia 7 de Maio, acompanhados de guardas e mais quatro sentenciados a assistir à execução. Pela Porta do Olival saíram pela Calçada dos Clérigos – que tinha sido o cemitério dos Enforcados antes de se construir a Igreja – seguiram pelo Largo dos Lóios e Praça

Nova, a actual Praça da Liberdade. Ai firam todos executados, entre gritos de «Viva D. Miguel!», numa cerimónia longa que terminou à uma hora da tarde. Até ao fim pareceu um Auto de Fé da Inquisição, para lá da habitual população, marcadamente popular, tiveram sempre o apoio silencioso de uma fila de

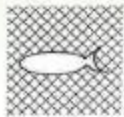


João Bernardo



António Bernardo

Trata-se de uma secção em que se mostram contos, cantos e recantos, caras e personalidades de Matosinhos presentes e passados, desde a rua esquecida ao nome dos barcos, ao embarcadiço reformado e à vendedeira do mercado, do narciso ao junquilha, da beira da doca aos pescadores emigrados do mar para as bandas da igreja, naufrágios e desgraças, defeso e madrugadas, estiva e Espanca, Siza e pelourinho.



frades encapuchados. No fim as cabeças de todos foram espetadas na forca e aí estiveram três dias, pois a Misericórdia conseguiu levantar os corpos e enterrá-los num túmulo comum sob as lajes do pátio desta instituição até 1878, altura em que foram transferidos para um túmulo especialmente construído no Prado do Repouso. Na inscrição da misericórdia eram chamados «Os Mártires da Pátria».

Nenhum dos sentenciados era tão profundamente liberal como outros o tinham demonstrado, caso flagrante do general Pamplona Rangel, que nada sofreu, e

outros que apenas foram citados para a devassa. Os dez supliciados – e outros três depois – foram escolhidos por razões políticas de momento, castigar a Revolta do Porto de 16 de Maio de 1828, que fizera vir de Londres os comandantes liberais que tinham rapidamente fugido mas que, desiludidos pela desorganização que grassava no Porto, tinham regressado no Belfast; como é habitual nestes casos, o exército liberal que se tinha juntado na cidade, comandado por Sá Nogueira (Sá da Bandeira) e o sempre contestatário Pizarro, tiveram de tratar de si rapidamente, fugindo

durante a noite até à Galiza, onde puderam embarcar no mesmo Belfast, encailhado por avaria, fazendo-se então justiça. O destino foi, como se sabe, o exílio nos barracões da doca de Londres, a França, a Bélgica, o que surgiu. A devassa não os esqueceu, a maioria dos generais e militares da Belfastada foram condenados, embora ausentes, e descrevia-se a sua tortura antes da forca e garrote vil com os requintes de crueldade que este momento político proporcionava. Porque tinham desembarcado em Matosinhos, junto ao Prado, seria aí que as suas cabeças ficariam, em altas estacas, até apodrecerem. No dia seguinte, o jornal do Porto «O Correio do Porto» aplaudia o acontecimento, como um exemplo para «a nossa mocidade» e considerava-o um serviço de Deus.

Como seria de esperar, o filho de Bernardo Brito e Cunha segue para o exílio rapidamente e fará parte dos 7 000 «bravos do Mindelo». Como o pai, será João Eduardo de Brito e Cunha contador da Fazenda e também presidente da Junta de Bouças. volta-se a ouvir falar de um Brito e Cunha quando se torna a personalidade sombria, verosimilmente autor do projecto de elevação do obelisco do Pampelido, que dará nome à Praia da Memória, no limite das freguesias de Lavra e Perafita. Estava-se então em pleno Setembrismo e os bons liberais dos Anos Trinta, que tinham usado o nome de D. Pedro para criar um grupo social que monopolizava a riqueza e as funções do Estado, mantinham-se inactivos, à espera da sua vez, vendo as Pautas do Setembrismo a destruir o grande negócio de exportação dos produtos da terra, que era o fundamento da sua baronia agrícola. No dia 1 de Dezembro de 1840, foi colocada a primeira pedra do monumento de Arnosa do Pampelido. Num jantar de comemoração e numa récita alusiva – onde se exibia uma maquete gigante do monumento – no teatro de S. João do Porto, reunia-se, em bloco, o sector cartista. Passos Manuel não tinha sido convidado para a cerimónia (e era de Guifões, Matosinhos), tal como o não fora Sá da Bandeira. O caso do monumento era, definitivamente, um caso político, que tinha com função congregar os cartistas nesta cidade onde, dois anos mais tarde – sem ainda ter sido concluído o monumento – para «tratar de assuntos particulares», Costa Cabral viria restaurar a Carta e pôr abaixo um setembrismo incómodo, mas excessivamente popular.



MOBILIÁRIO

EQUIPAMENTOS PARA ESCOLAS

MATERIAIS DIDÁCTICOS

ARAL  **TÉCNICA**
ARAL **TÉCNICA**

PAPELARIA

PRODUTOS DE HIGIENE E LIMPEZA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

RUA DAMIÃO DE GÓIS, 28 4435 RIO TINTO TEL • FAX • 2080912



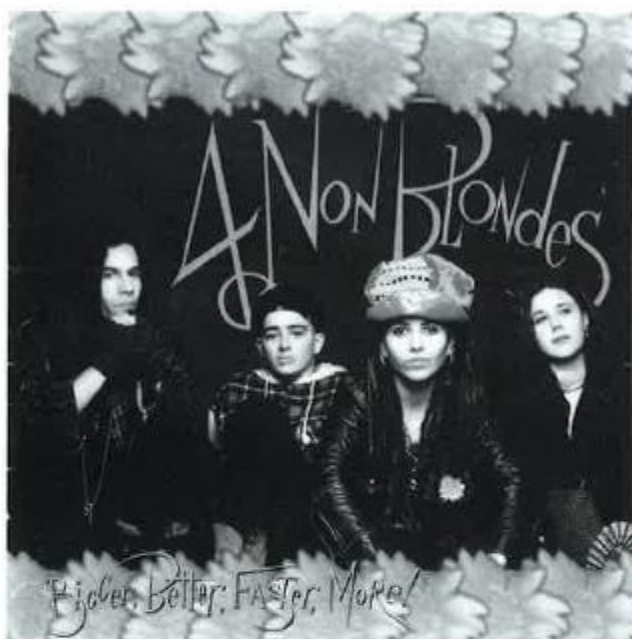
**É O QUE
ESTÁ A DAR**

ATENÇÃO... ATENÇÃO... Linda Perry está VIVA!

Miguel*

Aqui vai o meu primeiro artigo para o PRÓfessor. Espero que me leiam os filhos dos professores, embora algumas das músicas de que vos vou falar, agradem também aos «velhotes».

Há, no mercado, novos CDs: os Nirvana com o seu último álbum IN UTERO, vale a pena ouvir e comprar; é metalada da boa!



LAST ACTION HERO, do filme com o mesmo nome, tem músicas altamente dos grupos A.C/D.C., Megadeath, Alice in Chains, Aerosmith, Def Leppard, Anthrax e outros...

PROMISES AND LIES dos UB40 dá-nos bons momentos de música, e até nos faz lembrar da Sharon Stone, no filme SILVER. É bonita, não é?

Do hard rock chega-nos CHAOS A.D. dos Sepultura, são de facto os reis do rock.

Excederam-se os Pearl Jam com VS e havia quem dissesse que eles não fariam melhor que o TEN. Enganaram-se.

Mas, para curtir temos ainda o TUTTE STORIE de Eros Ramazzotti, ideal para quem já tem namorada(o). São temas românticos, que até os vossos pais vão gostar (pelo menos os meus gostam) e os 4 Non Blondes. Também acreditaram que Linda Perry tinha morrido? Então oiçam e sentem-se: os 4 Non Blondes vêm a Portugal, em breve. Preparem-se e até à próxima.

* Aluno do 7º ano do 3º Ciclo do E.B., gente de 11 anos

Trata-se de uma secção em que um «articulista» escreve sobre *O que está a dar*, neste momento, em Matosinhos para a gente da sua idade e do seu nível de ensino, seja ao nível das compras, modas, ritos, preferências musicais, adereços, etc... Por isso os articulistas são escolhidos a dedo, um do 1º ciclo, outro do segundo, um do 7º e outro do secundário. Deste modo, os professores poderão receber, de viva voz, as notícias das novidades que fazem mexer os nossos meninos.



Satânico

Paula e Ana*

Hoje em dia fala-se muito de satanismo, como a religião *que está a dar* entre os jovens. Deve-se, no entanto, chamar a atenção para o facto do satanismo ser não uma religião mas mais um culto a Satã pela blasfémia dos valores e ritos cristãos.

Para provar que são satânicos os adolescentes optam, entre muitos outros rituais, pelos pactos de sangue, entre eles, desenhos de cruzes invertidas na carne, participando, aqui em Matosinhos também, em Missas Negras, que são, sem dúvida, o expoente máximo deste culto a Satã.

Como explicar esta adesão dos jovens adolescentes? As razões são muitas e talvez pouco compreensíveis para os outros. Opta-se por este culto com o único objectivo de se *ser do contra* (a maioria é cristã, católica, os pais são católicos, escolhe-se o oposto e com isso consegue-se a Diferença); outros aderem ao satanismo apenas porque *está na moda*, e cai-se na moda de outros. Que falta de Diferença, de Originalidade!

Nós não fomos muito diferentes, nem mais originais. Fomos *satânicas*, porque estávamos saturadas de deparar sempre com a mesma monotonia, na escola, entre amigos, em casa... Quisemos afinal ser também diferentes, pensar que pensávamos de forma diferente, originais, até revolucionárias.

Já lá iam dois meses vestíamos de

forma mais original, éramos notadas, tínhamos já desenhado em nós 5 cruzes invertidas. Os nossos pais começavam a preocupar-se.

O que antes lhes pareceu uma brincadeira, que passaria, exigia agora preocupação. Resolveram informar-se, até fizeram pesquisas e descobriram as trocas de sangue entre praticantes.

Em longas conversas connosco fizeram-nos reflectir sobre a «nossa religião»... e percebemos que não tinha-

mos argumentos, nem fundamentos para justificar a adesão a este rito, ou mesmo a qualquer outro. Afinal quem não é cristão como pode aceitar e querer ser *satânico*?

Mas ainda procuramos quebrar a nossa monotonia, descobrir a nossa diferença e originalidade neste pequeno mundo em que estamos.

* Alunas do 11º ano do E. Secundário, gente de 16 anos.



ÁREA – ESCOLA EM ACÇÃO / / QUE GRANDE CONFUSÃO!

Alice Godinho*
António Azevedo**
Cristina Bessa ***
Elvira Castanheira****

«A civilização em que vivemos é tão errada que
Nela o pensamento se desligou da mão
Ulisses rei de Itaca carpinteirou o seu barco
E gabava-se também de conduzir
Num campo a direito o sulco do arado».

O nome das coisas
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

«Diz-me e eu esquecerel,
Ensina-me e eu lembrar-me-ei,
Envolve-me e eu aprenderei».

(Provérbio chinês)

«A Área-Escola é o pulmão da Reforma
Educativa»

ALBANO ESTRELA

1. INTRODUÇÃO

Acreditamos que aprender deve constituir sempre uma fonte de contentamento, daí que, no momento em que a reforma Curricular está a ser generalizada, achamos premente averiguar o impacto da implementação da Área – Escola nas suas diferentes vertentes:

- Dificuldades detectadas na implementação / soluções
- Avaliação da concretização
- Fontes de motivação

* PQND do 11º grupo – B da Escola Secundária da Boa Nova – Leça da Palmeira;

** PQND do 11º grupo – B da Escola Secundária de Augusto Gomes – Matosinhos;

*** PQND do 11º grupo – B da Escola Secundária da Boa Nova – Leça da Palmeira;

**** PQND do 10º grupo – A da Escola Secundária de Augusto Gomes – Matosinhos.

(1) A investigação relativa aos alunos, foi feita com base nas fichas de auto-avaliação da Área Escola, da Escola Secundária de Augusto Gomes – Matosinhos, já que, a Escola Secundária da Boa Nova – Leça da Palmeira não possui elementos escritos sobre esta temática.

Para que isto fosse possível, analisámos as opiniões dos principais intervenientes no processo – professores e alunos.

No que diz respeito aos alunos da Escola Secundária Augusto Gomes – Reforma Curricular – Ano lectivo 1992/1993 procedemos à análise das suas fichas de auto-avaliação sobre a Área – Escola, através da elaboração de um guião, orientado para os fins pretendidos.

A análise da população foi feita com base nos diferentes anos de escolaridade frequentados pelos alunos, indicador que correlacionamos com a opinião formulada sobre a Área – Escola.

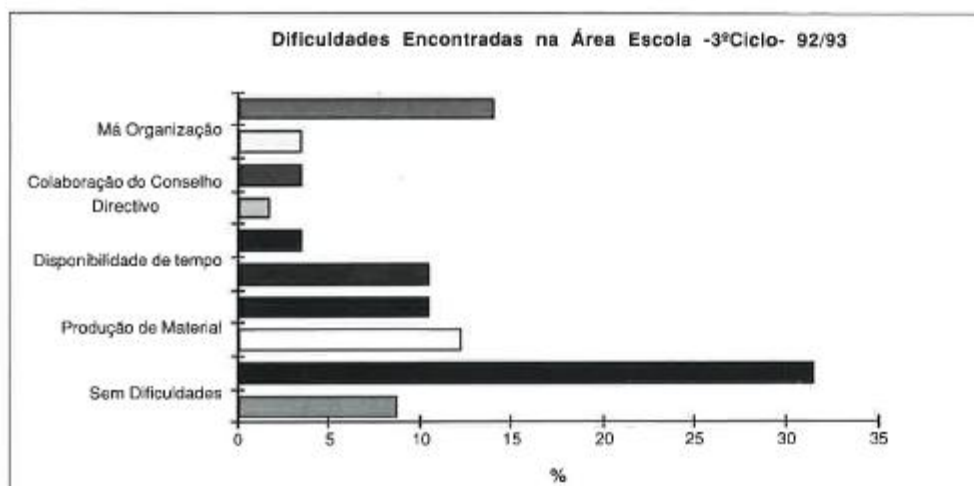
Para garantir imparcialidade, recorreremos à utilização da «Tabela H» de Levin, que nos permitiu extrair números aleatórios para a formação da amostra – alvo (10%). Embora conscientes de que a opinião dos professores sobre a Área – Escola, depende em grande parte do grupo disciplinar a que pertencem, tornou-se impossível concretizar uma amostra com esses requisitos. Assim, optamos por obter a amostra possível, com uma dimensão equivalente à definida para os alunos (10%), das Escolas Secundárias Augusto Gomes e Boa-Nova (1). Após o levantamento dos dados de professores e alunos, procedemos ao tratamento dos respectivos resultados, cujas conclusões apresentamos na segunda parte do presente artigo.



2. TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

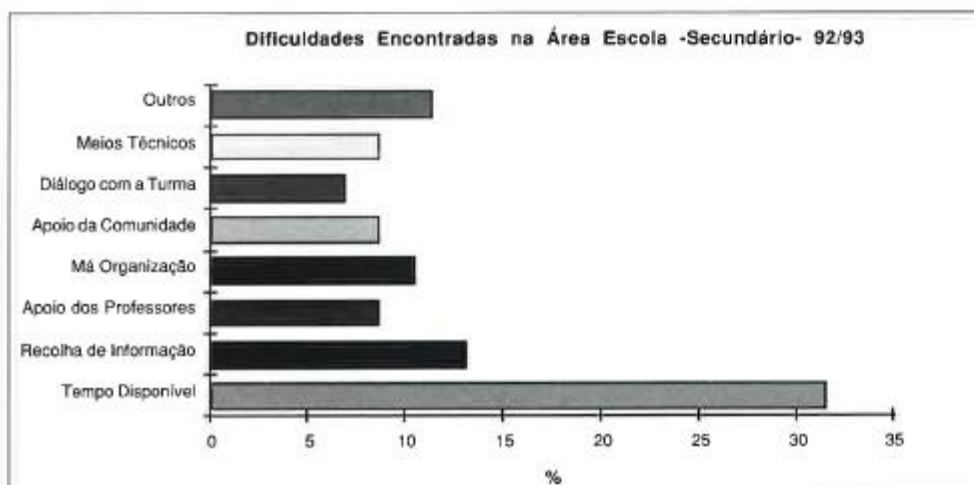
2.1 ALUNOS / ÁREA – ESCOLA

Gráfico 1



Fonte: Ficha auto-avaliação Alunos A.E. / 3º Ciclo – E.S.A.G.

Gráfico 2



Fonte: Ficha auto-avaliação Alunos A.E. / Secundário – E.S.A.G.

Como se depreende pela análise dos Gráficos 1 e 2, as dificuldades encontradas são diferentes consoante o nível de estudos em questão.

Assim, em relação ao Terceiro ciclo (Gráfico 1), as principais dificuldades situam-se ao nível de obtenção de material e colaboração da comunidade, o que facilmente se compreende, atendendo ao escalão etário.

No tocante ao Ensino Secundário (Gráfico 2), as principais dificuldades colocam-se em relação à disponibilidade de tempo e recolha de informação, visto tratar-se de alunos cujas perspectivas se centram cada vez mais em torno do ingresso ao ensino superior, facto a que a competitividade não é alheia.



Gráfico 3

Projecto «Área – Escola»
Interessante -3º ciclo- 92/93

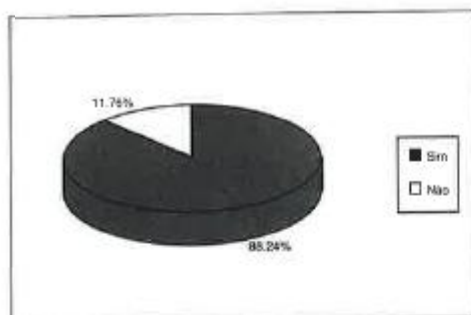
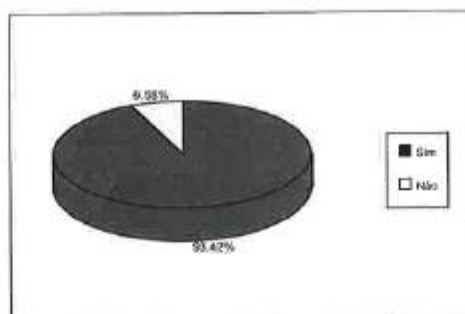


Gráfico 4

Projecto «Área – Escola» Interessante
-Secundário- 92/93



Fonte: Ficha auto-avaliação Alunos A.E. / 3º Ciclo / Secundário – E.S.A.G.

Apesar das dificuldades encontradas na concretização da Área – Escola, é-nos gratificante constatar, através dos dados fornecidos pelos Gráficos 3 e 4, o interesse que os alunos demonstraram pela A.E.

2.2 PROFESSORES / / ÁREA – ESCOLA

2.2.1 Dificuldades / soluções

A análise das opiniões recolhidas através dos inquéritos aos professores, permitiu-nos elaborar um quadro comparativo das dificuldades e respectivas soluções (Quadro 1).

Desde logo se destaca a capacidade demonstrada por professores e órgãos de gestão em superar, muitas vezes com recurso ao improvisado e à boa vontade, a maioria das dificuldades, com excepção para a falta de colaboração dos professores e pouco empenho da comunidade.

Quadro 1

Dificuldades de implementação da Área – Escola e soluções propostas

Dificuldades encontradas	Soluções propostas
Falta de recursos (Materiais, financeiros e logísticos)	- Despesas pagas pelos professores e alunos; - Pequenas actividades desenvolvidas;
Projecto (selecção, articulação interdisciplinar, coordenação)	- Reuniões entre professores e alunos; - Articulação da área escola com os conteúdos programáticos; - Professor coordenador; - Organização cidadã das actividades; - Colaboração dos professores;
Falta de formação sobre a área escola	- Acções de formação;
Falta de motivação dos alunos	- Colaboração dos professores;
Falta de motivação dos professores	- Acções de formação;
Falta de interdisciplinaridade	- Reuniões entre professores e alunos; - Gestão liberal dos programas; - Professor coordenador; - Organização cidadã das actividades; - Colaboração dos professores;
Horários	- Horas extra-curriculares;
Sobrecarga de trabalho do D.T.	- Reuniões entre professores e alunos; - Professor coordenador; - Colaboração dos professores;
Falta de colaboração dos professores	sem solução proposta
Avaliação da área escola	- Acções de formação;
Pouco empenho da comunidade	sem solução proposta

Fonte: Inquérito aos professores.



Inforloja-Sistemas Informáticos
12 ANOS DE SABER!

LEO 486DX/33MHZ (Coprocessador incluído)
256KB CACHE
ANTI-VIRUS RESIDENTE\4MB RAM
1.44MB FLOPPY DRIVE
245MB DISCO
PLACA SVGA 1 MB
MONITOR POLICROMÁTICO 0,28 PITCH
1024x768
1 PORTA PARALELA, 2 PORTAS SÉRIE
TECLADO PROFISSIONAL
RATO LEO 3 BOTÕES
S. OPERATIVO MS-DOS
WINDOWS 3.11 **295.000\$00**

**INFORLOJA, LDA. – SEGURAMENTE
UM DOS MELHORES SERVIÇOS
PÓS-VENDA EM INFORMÁTICA**

CONSULTE-NOS EM TOMÁS RIBEIRO 727, 4450 MATOSINHOS OU
ATRAVÉS DOS TELEFS.: 9380590 / 9377645 OU FAX: 9380588

INFORLOJA

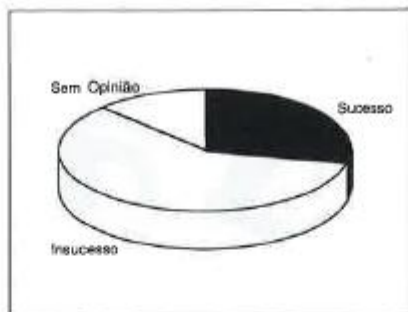


2.2.2 Concretização da A.E. / Avaliação

Gráfico 5

Como avalia a concretização da Área – Escola?

Respostas	Percentagem
Sucesso	29
Insucesso	59
Sem Opinião	12



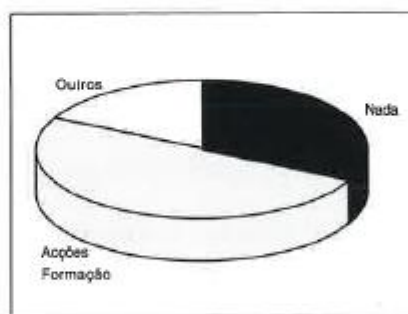
Fonte: Inquérito aos professores

A maior parte dos inquiridos considera a A.E. um insucesso (Gráfico 5), facto compreensível, dada a escassez de recursos utilizados na motivação de professores e alunos (Gráficos 6 e 7).

Gráfico 6

O que foi feito para motivar os professores?

Respostas	Percentagem
Nada	33
Ações Formação	50
Outros	17

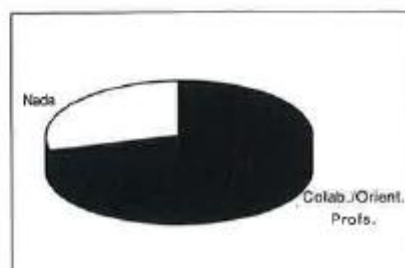


Fonte: Inquérito aos professores

Gráfico 7

O que foi feito para motivar os alunos?

Respostas	Percentagem
Boa Colaboração/Orientação dos Professores	71
Nada	29



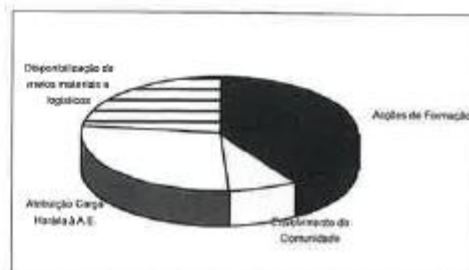
Fonte: Inquérito aos professores



Gráfico 8

O que deverá ser feito para motivar os professores?

Respostas	Percentagem
Acções de Formação	41
Envolvimento da Comunidade	8
Atribuição Carga Horária à A.E.	28
Disponibilização de meios materiais e logísticos	23



Fonte: Inquérito aos professores

Numa altura em que a docência exige cada vez mais uma activa intervenção na escola e no meio, verifica-se por parte dos docentes um interesse crescente pela sua actualização, traduzida na frequência de acções de formação que muitas vezes são apontadas como processo de corrigir deficiências de que o Sistema Educativo enferma (Gráfico 8).

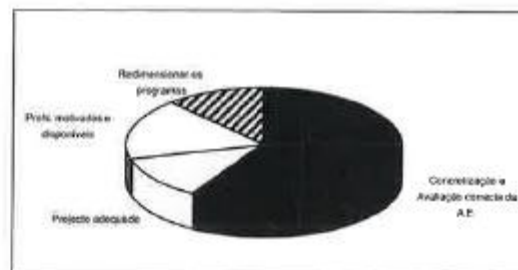
3.2 ALUNOS

A necessidade de professores bem formados traduzir-se-á numa correcta concretização e avaliação da Área – Escola imprescindível a uma eficaz motivação dos alunos (Gráfico 9) e professores.

Gráfico 9

O que deverá ser feito para motivar os alunos?

Respostas	Percentagem
Concretização e Avaliação correcta da A.E.	59
Projecto adequado	12
Profs. motivados e disponíveis	18
Redimensionar os programas	12



Fonte: Inquérito aos professores

4 CONCLUSÃO

Pensamos com este estudo ter demonstrado que a A.E. apesar do descontentamento dos docentes e da necessidade de ser reformulada em muitos dos seus aspectos (nomeadamente a nível dos órgãos de gestão), é algo de imprescindível para a formação pessoal e social do aluno numa altura em que a vivência democrática apela ao «exercício de uma cidadania responsável através de vivências que os órgãos de gestão pedagógica entendam de interesse» (3).

Acreditamos que outros estudos surgirão, capazes de alterar estas conclusões provisórias.

(3) Anexo I ao despacho 142/ME/90, ponto 2, alínea 1.



**SE AINDA
NÃO SABE
TEM QUE LER**

A Revista PRÓfessor

Em 1994

**Passa a Poder
Ser Assinada**

A nossa revista para todos os educadores e professores que pertencem a escolas que integram o PRÓfessor continuará a ser fornecida gratuitamente de acordo com o regime de distribuição já divulgado. Para todos os outros educadores e docentes que não pertencem ao nosso Centro e entidades que a pretendam receber existe, a partir de Janeiro de 1994, a possibilidade de assinatura anual, que deverá ser feita utilizando o boletim anexo.

REVISTA

PROFESSOR

BOLETIM DE ASSINATURA ANUAL PARA 1994

Preço • 3000\$00*

9 números • JANEIRO • FEVEREIRO • MARÇO • ABRIL • MAIO • JUNHO • JULHO-SETEMBRO •
OUTUBRO • NOVEMBRO-DEZEMBRO

Preencha, por favor em letras Maiúsculas

NOME _____

MORADA _____

CODIGO POSTAL _____ TEL. _____

ESCOLA EM QUE SE ENCONTRA A LECCIONAR _____

* Enviar cheque ao portador e fotocópia devidamente preenchida deste boletim para PRÓfessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos • R. Damão • 4450 MATOSINHOS # Mais informações pelo telefone 9381064





JANEIRO 8

f e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS



Cofinanciada pelo Fundo Social Europeu